

Identidade territorial e vitivinicultura: o enoturismo na Colônia Maciel/Pelotas-RS

Territorial identity and viticulture: wine tourism in the Colony of Maciel/Pelotas-RS

Tiaraju Salini Duarte

Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo – USP, São Paulo/SP,
Brasil

E-mail: tiaraju.salini@yahoo.com.br

Artigo recebido em: 15-08-2014

Artigo aprovado em: 26-12-2014

RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender os processos de identificação territorial de produtores rurais, a partir de um produto dotado de valor simbólico-cultural, a saber: o vinho na Colônia Maciel/Pelotas-RS. Além disso, busca-se analisar como a identidade territorial criada a partir da vitivinicultura relaciona-se ao processo do turismo no espaço rural, mais especificamente o enoturismo, o qual representa uma estratégia de reprodução social e territorial para as famílias rurais. Como metodologia optou-se por uma revisão bibliográfica acerca do assunto elucidado anteriormente e pesquisa de campo com entrevistas abertas. Para buscar o entendimento acerca deste processo tornou-se necessário remontar a história e identificar os fatores que levaram ao reconhecimento da vitivinicultura, presente há mais de um século na área estudada, como produto de um saber-fazer que não se perdeu no tempo e no espaço, pelo contrário, continua percorrendo toda a estrutura social, econômica e cultural presente no rural.

Palavras-Chave: Enoturismo. Vitivinicultura. Imigração. Identidade Territorial.

ABSTRACT

This study aims to understand the processes of territorial identification of rural producers, from a product endowed with symbolic and cultural value, namely: wine in Maciel Colony / Pelotas. In addition, we seek to analyze how territorial identity created from the vitiviniculture relates to the process of tourism in rural space, more specifically; enotourism, Which is a strategy of social and territorial reproduction for rural families. The methodology we chose a literature review on the subject previously elucidated and field research with open interviews. To seek the understanding of this process has become necessary to recreate the history and identify the factors that led to the recognition of vitiviniculture, present for over a century in the study area as a product of know-how and are not lost in time and in space, by contrast, continues covering the entire social, economic and cultural structure present in rural.

Keywords: Wine Tourism. Viticulture. Immigration. Territorial Identity.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender como se constitui a identidade territorial na Colônia Maciel/ Pelotas – RS e a partir desta analisar as formas como se organizou o enoturismo neste recorte espacial. Para chegar a uma possível análise dos objetivos citados acima, o presente artigo se dividiu em subcapítulos respectivamente: 1. O fabrico do vinho no Rio Grande do Sul e na Colônia Maciel/Pelotas – RS 2. A identidade territorial a partir da vitivinicultura; 3. O enoturismo no município de Pelotas

Para tanto, visando uma análise da identidade territorial a partir da vitivinicultura, parte-se do pressuposto que a maioria dos grupos de seres humanos procuram se territorializar, buscando, com este movimento, uma forma não só de garantir sua sobrevivência biológica, mas também, a sua reprodução sócioterritorial. Um exemplo claro deste processo pode ser elucidado a partir do movimento populacional horizontal ocasionado pelos imigrantes que se dirigiram para o Rio Grande do Sul e neste estado organizaram-se; procurando nele criar vínculos identitários. Para Haesbaert(1999),

Determinados grupos culturais podem não apenas entrecruzar sua identidade no confronto com outras culturas, mas também levar sua territorialidade consigo, tentando reproduzi - lá nas áreas para onde se dirigem. (Haesbaert, 1999, p. 184)

Desta forma, demonstra-se que o movimento imigratório para o Rio Grande do Sul pode ser caracterizado pela criação de territórios e de territorialidades. No município de Pelotas, este foi um processo muito significativo, sendo caracterizado pela presença de uma diversidade étnica-cultural (italianos, franceses, alemães, pomeranos, portugueses, etc.) a qual possibilitou a construção de inúmeras identidades, como, por exemplo; unir simbolicamente um determinado grupo social em torno da produção da vitivinícola e do enoturismo.

Um arquétipo objetivo deste processo é o fabrico do vinho, o qual passou a ser possuidor de um poder simbólico e faz do mesmo uma referência na cultura local, remetendo a lembranças de outros territórios e, até mesmo, a outro espaço/tempo. Ou seja, os produtores rurais, retrospectivamente, procuram uma identificação com o país de origem de seus descendentes e, prospectivamente, constroem uma estratégia de reprodução sócioterritorial, (partindo do princípio de que este produto é utilizado como fonte de renda complementar para

as famílias rurais e como atrativo turístico para a população urbana), caracterizando a denominada multifuncionalidade¹ da agricultura.

2. APORTES METODOLÓGICOS

Em termos metodológicos, optou-se primeiramente por uma revisão teórico-bibliográfica acerca do tema elucidado anteriormente. Além desta perspectiva, foi elaborado um trabalho de campo com um roteiro baseado em questões previamente selecionadas, as quais permitiram uma abordagem quanti-qualitativa. Foram entrevistadas quatro propriedades familiares na Colônia Maciel, localizada no 8º distrito de Rincão da Cruz – Pelotas/RS. A escolha destes justifica-se não somente pela maior produtividade vinícola da região, mas também devido a estes produtores se destacarem como únicos a trabalhar com o enoturismo no espaço rural do município de Pelotas. Posteriormente, foram tabulados os dados primários e georreferenciadas as propriedades, resultando na elaboração da figura 01.

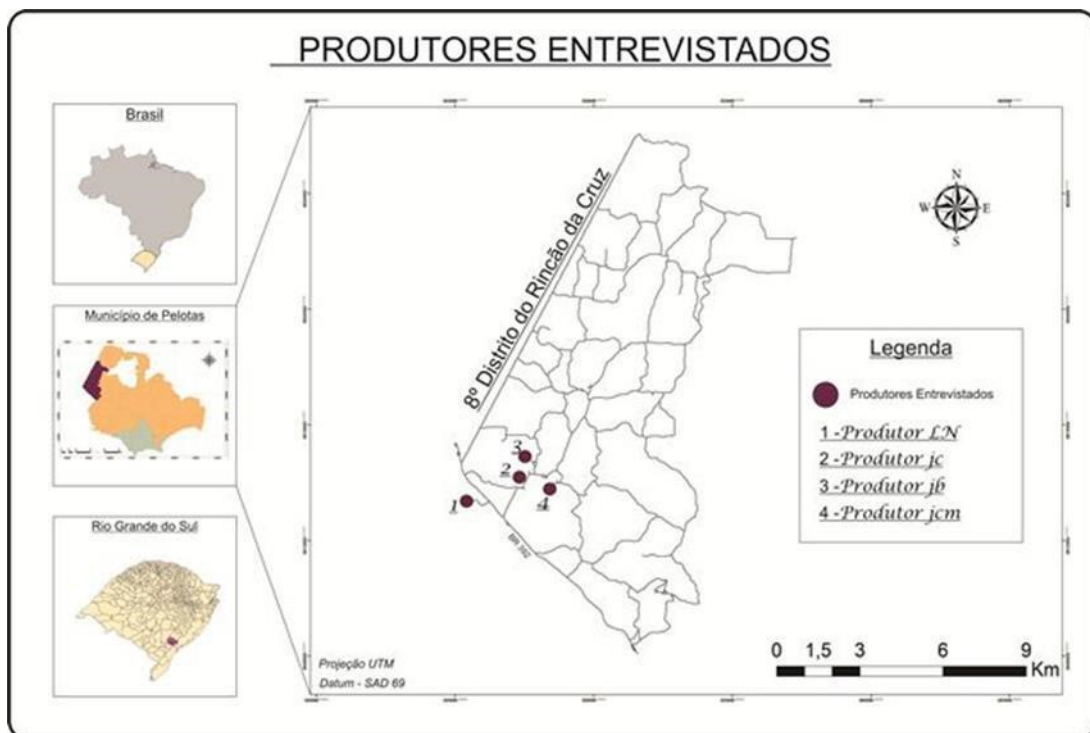


Figura 01: Produtores entrevistados na pesquisa de campo, 2013.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2013.

¹ A noção de multifuncionalidade rompe com o enfoque setorial e amplia o campo das funções sociais atribuídas à agricultura que deixa de ser entendida apenas como produtora de bens agrícolas. Ela se torna responsável pela conservação dos recursos naturais (água, solos, biodiversidade e outros), do patrimônio natural (paisagens) e pela qualidade dos alimentos. (Carneiro & Maluf, 2003, p 19)

Definida a amostra, o levantamento de dados primários foi realizado por meio da utilização da técnica de entrevista, com os produtores vitivinícolas, baseada em um roteiro semiestruturado. Para isso, se torna indispensável caracterizar as ferramentas de coleta de dados, conseqüentemente, optou-se pela pesquisa quanti-qualitativa. “As pesquisas que aplicam métodos quantitativos, são as que empregam a estatística e a matemática – os números e os cálculos – como principal recurso para análise das informações” (Leite, 2008, p. 97). E, aliado a esses métodos quantitativos, foi elaborado um roteiro com questões abertas, as quais permitiram uma abordagem qualitativa, visando um entendimento maior das informações não quantificáveis nesta pesquisa, como a subjetividade e as vivências dos entrevistados.

A pesquisa qualitativa possui o poder de analisar os fenômenos com consideração de contexto. [...] o método qualitativo que se baseia em objetivos classificatórios utiliza de maneira mais adequada os valores culturais e a capacidade de reflexão do indivíduo. A investigação realizada sob este prisma não peca por desconsiderar as causas e inter-relações sutis que possam permear-se entre a análise e as conclusões, desconsiderando essas que podem distorcer verdades entre o meio e o fim. (Leite, 2008, p. 97)

É imprescindível destacar que a maioria das pesquisas possui os dois métodos, quantitativo e qualitativo, visando um entendimento melhor da realidade estudada, como destaca Richardson (1979):

A pesquisa moderna deve rejeitar como uma falsa dicotomia e separação entre estudos “qualitativos” e “quantitativos” ou entre o ponto de vista “estatístico” e “não estatístico”. Além disso, não importa quão precisas sejam as medidas, o que é medida continua a ser a qualidade. (Richardson, 1979, p. 79)

Tanto as pesquisas quantitativas como qualitativas são aportes teóricos essenciais para a elaboração de análises científicas de campo, cada qual sua funcionalidade. Além disso, para a escolha dos produtores rurais a serem entrevistados foram estabelecidos alguns critérios, como por exemplo: a) suas propriedades estavam localizadas no recorte espacial escolhido; b) os produtores familiares se dedicavam a vitivinicultura; c) os proprietários trabalham com o enoturismo; entre outras.

Cabe destacar, que a escolha intencional dos entrevistados, selecionados com base em critérios pré-definidos, pretendeu dar conta da identificação com o objeto da pesquisa, tornando-os assim qualificados para a investigação. Conforme explica Alberti (2004),

A escolha de entrevistados não deve ser orientada por critérios quantitativos (por uma preocupação com amostragens), mas pela posição do entrevistado no grupo ou pela sua experiência. Selecionam-se os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram e presenciaram ou se inteiraram de ocorrências e que possam fornecer depoimentos significativos. (Alberti, 2004, p. 31)

Para a organização do questionário baseou-se no método sistêmico. Destaca-se que a utilização deste permite que o pesquisador defina os elementos a serem estudados de acordo com os objetivos pretendidos na análise. A ideia norteadora considera as inter-relações dos elementos, as quais influem direta ou indiretamente na organização do sistema. Fundamentalmente, as propriedades dos sistemas podem, assim, ser resumidas: um grupo de componentes independentes que operam unidos para um fim comum, que é capaz de reagir como um todo frente a estímulos externos; cabe ressaltar, que todo o sistema pode ser visto como um subsistema, ou seja, uma parte do todo. Entretanto, as partes, fora do contexto, são apenas “átomos” isolados. Por isso, se diz que o todo é maior que a soma das partes, pois, a organização do sistema confere ao agregado características não só diversas, mas, também, muitas vezes, não encontradas nos componentes isolados. Conforme Bertalanffy (1973),

O significado da expressão um tanto mística “o todo é mais do que a soma das partes” consiste simplesmente em que as características constitutivas não são explicáveis a partir das características das partes isoladas. As características do complexo, portanto, comparadas “as dos elementos, parecem “novas” ou “emergentes”. (Bertalanffy, 1973, p.83)

No entanto, para se estudar e analisar os sistemas torna-se necessário delimitar as “fronteiras” do que é definido como um sistema nesta pesquisa. Considera-se que a propriedade rural familiar pode ser entendida como um sistema básico de análise, entretanto, diverso e dotado de relações/interações, endógenas e exógenas, onde o produtor, sua unidade de produção e sua família constituem as partes centrais da investigação. Valendo-se de estratégias socioeconômicas distintas, os produtores fazem escolhas no que se refere ao trabalho familiar, a organização produtiva, as práticas agrícolas e as técnicas utilizadas na agricultura. Portanto, parte-se da premissa do reconhecimento da diversidade da agricultura familiar, mas que, no conjunto, é capaz de construir uma identidade territorial, a partir da unidade cultural.

Assim, destaca-se a análise da propriedade rural como um sistema básico de análise, podendo ser decomposto a partir da divisão dos subsistemas internos da agricultura (Diniz, 1984), onde: o subsistema social permite a caracterização do produtor; o subsistema funcional engloba os elementos técnicos e o último, subsistema de produção trata de caracterizar o

output do sistema da agricultura. Este conjunto de subsistemas permite o estabelecimento de relações entre os elementos da organização sócio-produtiva na área estudada (Diniz, 1984). (ver figura 02)

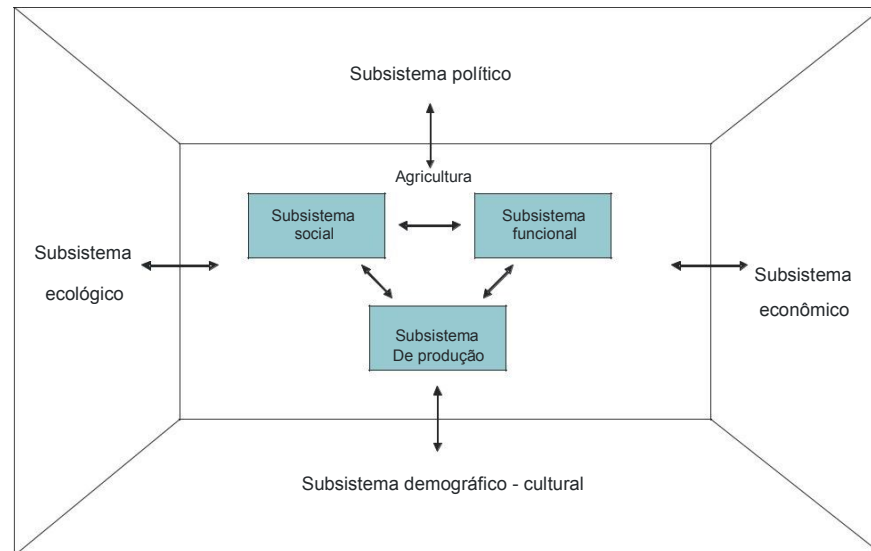


Figura 02: Sistema da Agricultura: subsistemas internos e externos
Fonte: Diniz, 1984, p.58.

Além do sistema da agricultura, é analisado o sistema da vitivinicultura, o qual estabelece múltiplas dinâmicas socioprodutivas, (tomando como base os produtos de origem local) promovendo uma maior diversificação da produção, assim como, a formação de renda complementar, possibilitando o desenvolvimento do enoturismo. Destaca-se que os produtos locais, especificamente o vinho colonial e todo seu processo de fabricação, são valorizados devido às práticas ligadas ao tipo de produção e ao modo de fazer o que se denomina de saber-fazer tradicional. Para caracterização do sistema da vitivinicultura foram utilizadas questões abertas, as quais permitiram compreender as origens desta atividade, a valorização dos produtos locais e as perspectivas para o futuro. Cabe informar, que as falas dos entrevistados foram transcritas no texto realçado em *itálico* e sem identificação do informante. Para tanto, foram utilizadas apenas as iniciais dos nomes, preservando, assim, a identidade e sigilo das informações.

A partir das relações entre estes dois sistemas, tem-se o que é caracterizado nesta pesquisa como identidade territorial e multifuncionalidade do espaço, onde, a partir da herança étnico-cultural, do saber-fazer tradicional, das práticas agrícolas pode-se compreender a dimensão simbólica/cultural na construção da identidade (Figura 03).

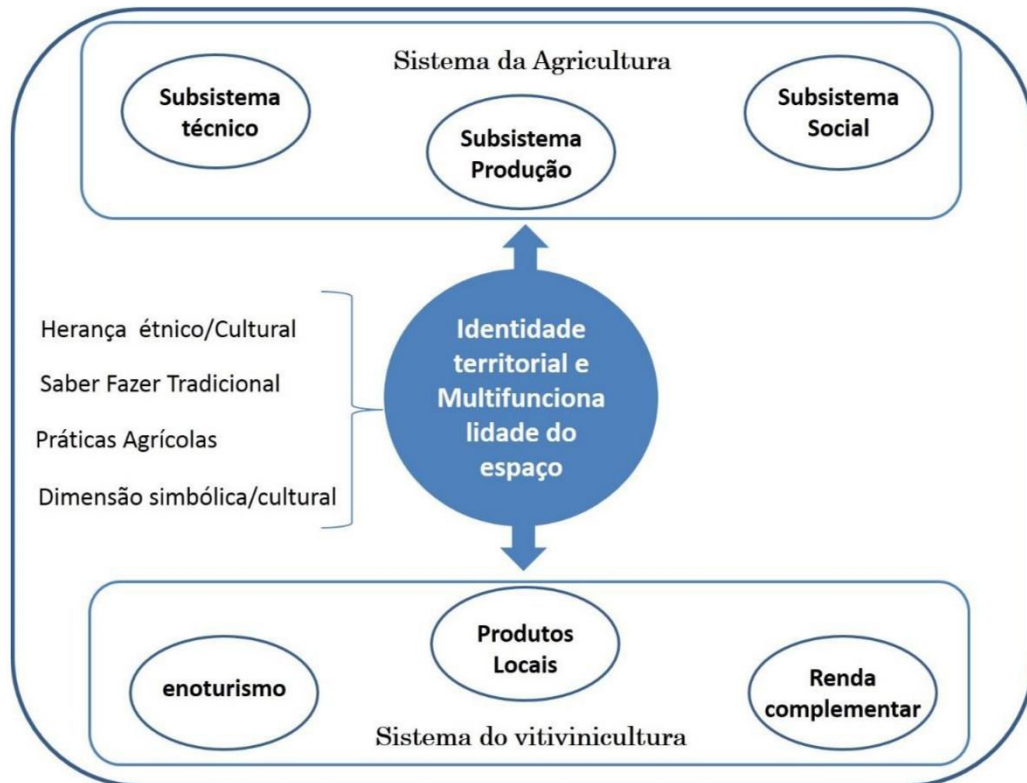


Figura 03 – Sistema básico de análise das propriedades familiares Fonte: Elaborado pelo autor, 2010.

Após a coleta de dados e informações os resultados foram tabulados, inicialmente, na plataforma MS-Excel, para posterior análise e interpretação. Cabe mencionar, que na pesquisa empírica as entrevistas foram complementadas com a observação participante, a qual é de suma importância para a realização da pesquisa. Para Anguera(1986),

El observador participante juega un papel activo en el desarrollo de los diversos eventos y mantiene una relación más o menos estable con los sujetos observados (McCall & Simmons, 1969), pudiendo también considerar que implica una interacción entre observador y observado en el ambiente de éste que da lugar a un registro sistemático y no intromisivo. (Anguera, 1986, p. 30)

E, o mesmo autor acrescenta:

Entendemos que ésta implica un cierto grado de intervención en la vida diaria, o flujo de conducta de los sujetos estudiados (Becker & Geer, 1970), con lo que se amplia en gran medida el acceso a informaciones que de otro modo se habrían mantenido ocultas (y no sólo por considerarse formando parte de la privacidad, sino por menoscabo de la accesibilidad). (Anguera, 1986, p. 31)

Tendo como base todos os pressupostos metodológicos expostos acima, foram realizadas, no ano de 2013, trinta e uma perguntas aos quatro produtores rurais mencionados

anteriormente em vista de compreender o processo de formação da identidade territorial e a consolidação do enoturismo nas referidas propriedades familiares.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 O fabrico do vinho no Rio Grande do Sul e na colônia Maciel/Pelotas – RS

No Rio Grande do Sul a vitivinicultura encontra seu principal expoente na imigração italiana. Contudo, é imprescindível relatar que não é através desta etnia que o cultivo de videiras é instalado neste estado. Como relata Valduga (2011), “a videira foi introduzida por volta de 1626 pelo jesuíta natural de Buenos Aires, Roque Gonzales que, em São Nicolau, na fase que antecedeu os sete povos das missões, plantou videiras”. (Valduga, 2011, p. 91)

Aliado a isso, é possível observar que diversas foram as etnias que tentaram produzir vinhos no Rio Grande do Sul, principalmente franceses e italianos na região de Pelotas, os alemães no centro do estado e, por fim, a clássica região da “serra gaúcha” com imigrantes italianos. Afere-se então que o aumento exponencial da vitivinicultura no Rio Grande do Sul se dá, de fato, pela presença da imigração italiana. Essa corrente migratória adentra o território sulino sob o marco da lei de terras no Brasil², a qual instituía as relações capitalistas sobre a terra, encerrando com o sistema de sesmaria (por meio da doação) no território nacional.

É sabido que esta imigração foi de suma importância, principalmente para a região nordeste do referido estado, contudo é necessário destacar a evolução da produção vitivinícola que ocorreu em outras regiões do Rio Grande do Sul e que hoje começam a se destacar em âmbito local. Como escreve Valduga (2011), as regiões de imigração italiana no Rio Grande do Sul que se formam até o final do século XIX são: (FIGURA 04)

Região nordeste do Estado, colônias de Caxias, Conde D’Eu, Dona Isabel, “Antônio Prado e Alfredo Chaves”, a quarta colônia “Silveira Martins”, próxima a Santa Maria na área central, e Pelotas “colônia Maciel”, que recebeu um contingente de italianos. (Valduga, 2011, p. 97, aspas no original)

² Dispõe sobre as terras devolutas no Império, e acerca das que são possuídas por título de sesmaria sem preenchimento das condições legais, bem como por simples título de posse mansa e pacífica; e determina que, medidas e demarcadas as primeiras, sejam elas cedidas a título oneroso, assim para empresas particulares, como para o estabelecimento de colônias de nacionais e de estrangeiros, autorizando o Governo a promover a colonização estrangeiras na forma que se declara. D. Pedro II, por Graça de Deus e Unanime Aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil: Fazemos saber a todos os Nossos Súditos, que a Assembleia Geral Decretou, e Nós queremos a Lei seguinte: Art. 1º Ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o de compra. Lei nº 601, Lei de Terras, de 1850.

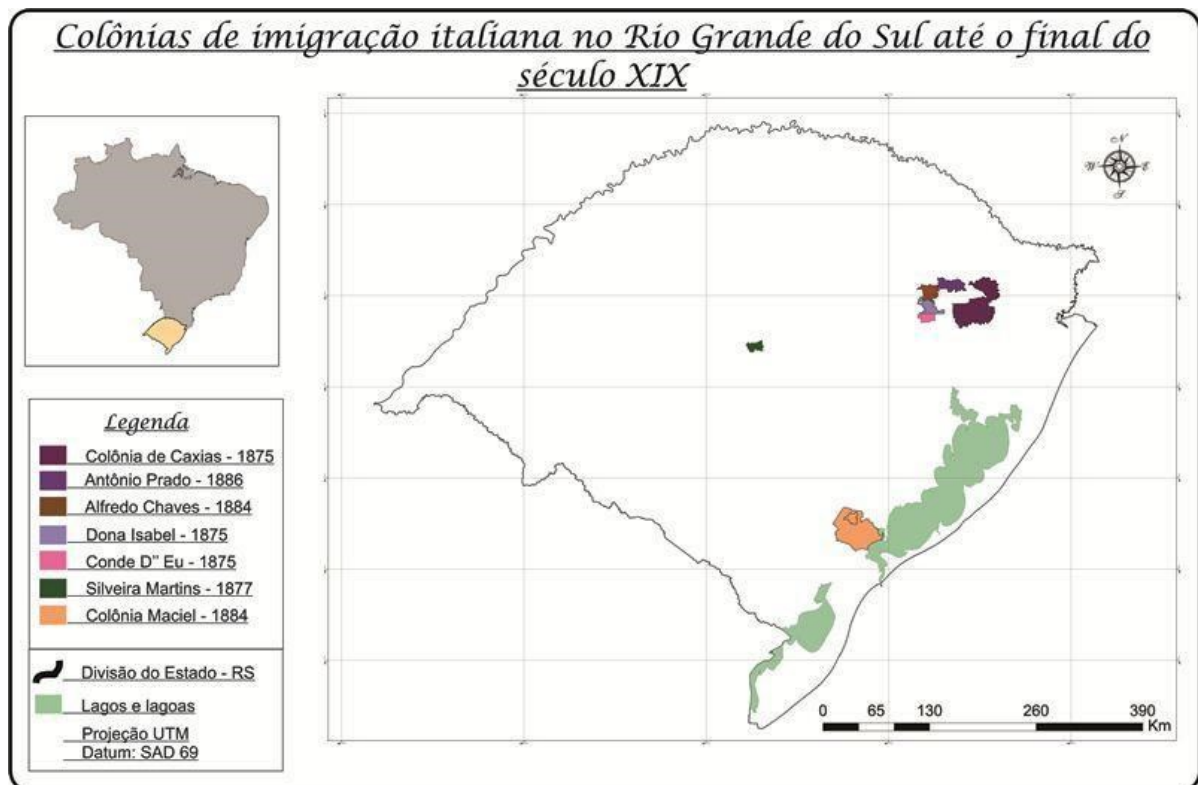


Figura 04: Localização das primeiras colônias de imigração italiana no rio Grande do Sul.
Fonte: elaborado pelo Autor, 2012.

Inserido no contexto da vitivinicultura no Rio Grande do Sul, o município de Pelotas se apresenta como sendo um dos lugares mais antigos tanto no que tange ao plantio da uva e a produção vinho, como também, as relações dessa atividade com a imigração francesa e italiana vinculadas a visitas nas propriedades objetivando a compra do produto *in loco*, sendo os primeiros “passos” do turismo na área de estudo por volta do início do século XX.

Os registros históricos acerca da produção vitivinícola no município de Pelotas são escassos. Contudo, ressaltam-se algumas contribuições bibliográficas na sistematização desta retrospectiva histórica, como os estudos de Marinês Zandavalli Grando, Fabio Vergara Cerqueira, entre outros, que buscaram em registros documentais e relatos de história oral reconstituir a trajetória desta atividade na área colonial³ do município.

Como destaca Grando(1987):

³ O termo colono tem sua origem na administração colonial, segundo Seyferth (1990) eram colonos todos aqueles que recebiam um lote de terras em áreas destinadas à colonização. Já o termo colônia “designa tanto uma região colonizada ou área colonial demarcada pelo governo em terras devolutas, como também é sinônimo de rural. Ou seja, a área rural de um município é chamada, hoje, de colônia, e seus habitantes são colonos”. (SEYFERTH, 1990, p.25)

A vinha estendeu-se no Rio Grande do Sul praticamente em todo território ocupado pelo imigrante europeu não português, sendo, mesmo pioneiramente, cultivada por açorianos. No entanto a fabricação doméstica de vinhos adquiriu um caráter comercial entre os seguintes núcleos de imigrantes: franceses em Pelotas; suíços e alemães em São Lourenço, São Sebastião do Caí, Santa Cruz do Sul e, Estrela; açorianos em Rio Grande; alguns austríacos que se estabeleceram na região nordeste; e, finalmente, os italianos em toda essa região. (Grando, 1987, p.1)

A produção vitivinícola no Município de Pelotas se deu principalmente na região de relevo mais acidentado do referido município⁴, e, está se caracterizou por não ser exclusiva de uma corrente étnica, mas sim, por estar relacionada a uma miscelânea de etnias. no presente trabalho, o foco se dará sobre os imigrantes italianos.

O recorte histórico analisado permeia o final do século XIX e início do XX. Até esta época, Pelotas foi responsável por uma das maiores produções vinícolas do Rio Grande do Sul.

Essa região colonial propiciou uma importante produção vitícola desde o final do século passado até os anos 30, período no qual Pelotas figurou entre os maiores produtores de vinho do Rio Grande do Sul. Ocuparam-se dessa produção não só os imigrantes franceses e seus descendentes, porém foi a atuação desses agricultores (chegados, em 1880, na Colônia Santo Antônio) fundamental para o desenvolvimento da vinha em Pelotas. (Grando, 1987, p.1)

A primeira corrente étnica a produzir e comercializar o vinho no referido município foi a francesa. Na região colonial produziam um vinho artesanal, o qual era comercializado na própria área rural e com municípios próximos.

A crescente produção vinícola ganha impulso a partir de 1884, com a chegada dos imigrantes italianos na Colônia Maciel (8º distrito de Pelotas). Como atesta um dos produtores entrevistado, os primeiros imigrantes italianos localizaram-se no que foi denominado pelo produtor de barracón.

“Meus avós e pais chegaram aqui (Colônia Maciel) em 1884. Começaram a plantar a uva em 1888. Junto com eles chegaram 12 famílias e se instalaram no barracão. O governo “deu” as terras (parcelou) e aqui eles ficaram”. (Pesquisa de campo, 2013)

Logo, com o advento da chegada dos imigrantes italianos, as primeiras videiras foram plantadas na Colônia Maciel e, além de destinar a produção para fabricação do vinho para o

⁴ Mais especificamente, em termos geológicos, no Escudo Cristalino Sul-riograndense.

consumo familiar, os colonos italianos passaram a estabelecer relações de venda da uva para servir de matéria prima para o vinho que era produzido pelos franceses.

Com a expansão da vitivinicultura no município de Pelotas, surge o incentivo por parte do governo para uma maior especialização desta produção. A primeira ação governamental (1909)⁵ foi a contratação de um enólogo italiano para analisar a produção, buscando um maior controle de qualidade para o vinho produzido na colônia. Esta iniciativa do Estado pode ser entendida com certa dualidade, pois, de um lado tem-se a tentativa de sistematização da produção, bem como, seu enquadramento às normas técnicas para o comércio. E, por outro lado, está normatização levou grande parte dos produtores a abandonar a produção do vinho para o mercado, uma vez que não conseguiam cumprir todas as exigências técnicas, passando a se dedicar somente ao plantio da uva. (Grando, 1987)

A partir da década de 1950, esse movimento em prol do fabrico do vinho foi se desintegrando, principalmente com a introdução de novas culturas agrícolas, as quais geravam maiores rendimentos para os agricultores e, também motivado pela concorrência com a produção vitivinícola da região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, a qual comercializava um vinho mais barato e de maior qualidade.

Na década de 1960 observa-se que o cultivo da uva é, paulatinamente, substituído pelo do pêssego. Os agricultores deixaram de elaborar vinhos para o mercado, produzindo somente para o autoconsumo, como forma de manutenção da herança cultural entre os descendentes de imigrantes italianos.

3.2. A identidade territorial a partir da vitivinicultura

Um dos eixos norteadores do presente estudo se refere às inter-relações entre a formação da identidade territorial, o processo de fabrico do vinho e o enoturismo, ou seja, uma identidade construída a partir de elementos culturais relacionados aos descendentes de imigrantes italianos que possibilita hoje a prática do turismo a partir da produção vitivinícola. Destaca-se que a partir do processo do fabrico do vinho, que produziu traços de identitários sobre o território simbólico/cultural estudado é que o enoturismo se estrutura nas referidas propriedades para auxiliar como renda complementar a produção agrícola.

Na esfera simbólico/cultural, o autor Rogério Haesbaert compreende o território como “o produto da valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido”

⁵ Relatório apresentado ao Conselho Municipal em 20 de setembro de 1909, pelo intendente engenheiro José Barbosa Gonçalves. Pelotas, 1909

(Haesbaert, 2004, p.40). Assim sendo, este é construído pelo seu valor de uso, a partir de aspectos do cotidiano pessoal que levam a um processo de identificação com um grupo.

No primeiro momento torna-se necessário definir o conceito de identidade nesta pesquisa. A identidade pode ser definida como um processo, logo, está em constante movimento, recriando-se a cada recorte temporal específico da vida. Assim, podemos compreender a identidade a partir da contribuição de Manuel Castells.

Entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (os) qual (quais) prevalece (m) sobre outras fontes de significados. (Castells, 2006, p. 22)

Aliada a noção de identidade, vincula-se essa a discussão territorial. Sendo assim, o que se observa na colônia Maciel é a existência de um imigrante desterritorializado⁶ que procura em suas heranças culturais uma reterritorialização fundamentada na (re)construção de uma identidade pautada em elos históricos. Através deste processo de busca de uma identidade, a vitivinicultura tornar-se-á um marco material e imaterial que construiu no território não somente uma simbologia mas também uma gama de signos que permearão toda a estrutura social na colônia Maciel.

As identidades não são construções totalmente arbitrárias ou aleatórias, elas precisam ancorar-se em referentes materiais ou, em outras palavras, tem sempre uma fundamentação política “concreta”. “As marcas da identidade não estão inscritas no real”, diz Penna, mas os elementos sobre as quais as representações de identidades são construídas e são dele selecionados. (Haesbaert, 2004, p. 42).

Entende-se, então, que é a partir desse marco material e simbólico (a vitivinicultura) que serão construídas as identidades territoriais. Todavia, está delimitação não necessariamente é material, como no caso de grupos de indivíduos que constroem no espaço territórios simbólicos⁷, se sobrepondo ao território do Estado-nação, ou de uma divisão municipal.

⁶ Podemos resumir de maneira breve o processo de desterritorialização como a perda de um território e a reterritorialização como a construção do mesmo.

⁷ Símbolo aqui entendido não como sinônimo de representação ou substituição. “o símbolo mantém uma relação mais direta com a coisa nomeada e, ao mesmo tempo, mais carregado de subjetividade, ele teria abertura para levar a outros sentidos, indiretos, secundários e, de alguma forma, inesperados”. (Haesbaert, 1999, p. 178)

O território da identidade extrapola estes “muros” administrativos, sendo construído a partir do imaginário dos grupos sociais na escala local. Como explica Haesbaert (1999),

Os grupos sociais podem muito bem forjar territórios em que a dimensão simbólica (como aquela promovida pelas identidades) se sobrepõe à dimensão mais concreta (como a do domínio político que faz o uso de fronteiras territoriais para se fortalecer). (Haesbaert, 1999, p. 171)

Assim, demonstra-se que um grupo pode se identificar no espaço a partir de aspectos materiais e simbólicos. Logo, ressalta-se que os imigrantes italianos no recorte de análise estudado re-criaram relações que possuem um vínculo com o território não somente a partir da ideia de “terra-territorium”, apresentado por Haesbaert (2004, p. 20), mas também, no sentido abstrato da realidade na qual estão inseridos, constituída pela simbologia em torno do vinho, bebida pela qual os produtores se identificam materialmente e subjetivamente.

A identidade territorial, então, se configura a partir da herança cultural dos imigrantes italianos e sobre o processo de produção vitivinícola na colônia Maciel. O vinho, assim, surge como um elemento unificador no território, diante das chamadas “crises identitárias” presentes no processo de globalização. Para Victoria (2004),

Numa época em que a globalização torna as identidades nacionais, e consequentemente culturais, homogêneas, alguns povoados surgem como se fossem um foco de “resistência” identitária, preservando uma memória coletiva e características culturais bastante marcantes. Um desses lugares é a colônia Maciel, em Pelotas, no extremo sul do Brasil. (Victoria, 2004, p. 890)

Assim, a identidade territorial no recorte pesquisado pode ser entendida a partir da organização da produção vitivinícola. Muito embora nem todos os agricultores produzam o vinho em escala comercial, ao percorrer a colônia é possível observar que em varias propriedades rurais há um parreiral de uva, o qual muitas vezes origina o vinho para o autoconsumo. Por conseguinte, este produto, devido à manutenção das práticas ligadas ao saber-fazer tradicional, permite a construção de um processo de identificação territorial entre os diversos grupos étnicos. “De uma forma muito genérica podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valorização simbólica (positiva e negativa) do espaço pelos seus habitantes”. (Haesbaert, 1999, p. 172)

Esta identificação, segundo Haesbaert (1999) pode ser estabelecida de maneira concreta (objetiva), mas também de forma abstrata (subjetiva). No caso do município de Pelotas, podem-se considerar as duas dimensões da identidade territorial, de modo que, se por

um lado tem-se o imaginário simbólico como um forte agente de identificação, devido às práticas de produção da uva, a herança do saber-fazer o vinho, que transcendem a linha do tempo, pois foram passadas de geração em geração; de outro lado, pode-se afirmar que a identidade e o território se conformam de maneira objetiva, principalmente quando se observa os parreirais de uva, as cantinas e o próprio vinho como produto. Estas são marcas que estão impressas no território e que culturalmente transformaram-se em uma identidade territorial que servem de base para a construção do roteiro turístico pautado no enoturismo.

Conforme esclarece Haesbaert(1999),

Uma das características mais importantes da identidade territorial, correspondendo ao mesmo tempo a uma característica geral da identidade, é que ela recorre a uma dimensão histórica, do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência “condense” a memória do grupo, tal como ocorre deliberadamente com os chamados monumentos históricos nacionais. (Haesbaert, 1999, p. 180)

Além disso, a identidade territorial não obedece a uma referência fisiográfica e nem é demarcada de maneira arbitrária ou limitada a um recorte político-administrativo, mas sim, é definida a partir de elementos que cristalizados no espaço e no imaginário criam uma singularidade entre os grupos sociais e o território.

Deste modo, a construção da “comunidade imaginada” francesa, italiana ou portuguesa faz com que eu aja como francês, italiano ou português, não apenas, na maioria dos casos, porque falo a língua distinta e sou identificado como portador de determinadas distinções, mas por que me sinto “pertencente” a um determinado recorte territorial. (Haesbaert, 1999, p. 181)

Observa-se nas falas dos produtores que quando questionados acerca da identificação e sobre quais aspectos ainda são mantidos da identidade, o primeiro a ser citado por todos os entrevistados é o vinho, posteriormente, são mencionados o queijo, salame, polenta, etc. Estes produtos fazem parte da alimentação diária destes agricultores. Como afirma Machado (2011), em pesquisa realizada no mesmo recorte territorial:

Além da produção da horta, o vinho e a polenta são alimentos culturalmente valorizados. O vinho é comumente produzido para o consumo da família, sendo que algumas o produzem em maior escala, para comercialização. Mas o vinho e a polenta, símbolos da culinária italiana, estão à mesa das famílias de descendentes de imigrantes italianos e também de alemães e brasileiros, permitindo sugerir que, naquela localidade, a italianidade seja interpretada como elemento constitutivo de uma identidade colona compartilhada. (Machado, 2012, p. 13)

A autora analisa que a presença de uma identidade compartilhada na colônia, a qual, a partir da valorização simbólica de diversos produtos artesanais elaborados pelos agricultores, cria neste território um imaginário cultural coletivo.

Valduga (2007) enriquece o debate quando afirma que:

A identidade pode estar relacionada tanto a pessoas quanto a objetos, coisas, mas sempre em relação ao sujeito, causando uma relação de igualdade ou semelhança, em seu sentido amplo, próprio das regiões vinícolas. Há um sistema de valores simbólicos ligados à identidade, que é carregada de subjetividade e de objetividade e não é estática, é muito mais um processo dialógico, múltiplo, do que uma representação única. (Valduga, 2007, p.15)

De qualquer maneira, a etnia que manteve vivo o ideário da vitivinicultura, não apenas como fonte de renda para as famílias, mas sim também pelo aspecto cultural, foi a italiana, a qual faz esta cultura ressurgir na década de 1990, lançando um novo olhar sobre a colônia de Pelotas: o olhar enoturismo.

3.3 O enoturismo no município de Pelotas

A primeira ressalva a ser feita é com relação ao conceito de turismo no espaço rural é sua diferenciação do conceito de turismo rural.

Na sua forma mais original e “pura”, o turismo rural deve estar constituído em estruturas eminentemente rurais, de pequena escala, ao ar livre, proporcionando ao visitante o contato com a natureza, com a herança cultural das comunidades do campo e as chamadas sociedades e práticas tradicionais. (Ruschmann, 2000. p. 63)

Assim, o turismo rural consiste em uma abordagem onde o turista se direciona essencialmente para as propriedades rurais, onde irá se relacionar com as atividades agrícolas. Diferentemente do turismo rural, o turismo no espaço rural abarca diversas atividades que extrapolam os limites das propriedades. Dessa maneira, dentro deste conceito têm-se inúmeras formas de organização do turismo, como o ecoturismo, voltado para atividades ligadas à natureza, o turismo científico, turismo cultural, entre outros.

Nesta perspectiva do turismo no espaço rural e inserido neste leque de possibilidades se encontra o enoturismo, o qual, segundo Falcade (2001) pode ser definido como:

Visitar vinhedos, vinícolas, festivais do vinho e exposição de uva para vinho com degustação e/ou experimentação de atributos da uva para vinho de uma região, estes são os primeiros fatores de motivação para os visitantes. Em síntese, o enoturismo

pode ser definido como o deslocamento de pessoas, cuja motivação esteja relacionada ao setor da uva e do vinho (Falcade, 2001).

Assim, entende-se que o desenvolvimento de atividade turísticas na colônia Maciel do município de Pelotas perpassa pela valorização da herança cultural derivada da produção vitivinícola, caracterizando o enoturismo como uma categoria de análise do turismo no espaço rural. Para tanto, parte-se do pressuposto de que os turistas se deslocam para este território para apreciar o vinho, conhecer as práticas do saber-fazer, conhecer a herança cultural dos agricultores e, não menos importante, comprar o produto diretamente do produtor.

O desenvolvimento da prática turística na colônia de Pelotas teve um impulso com a criação da GASSETUR - Grupo Associativo de Empreendedores em Turismo Rural, criado em 2005; a qual é uma iniciativa de caráter privado que visava dinamizar as atividades geradoras de renda no espaço rural. Com o passar do tempo, o grupo passa a se denominar “Pelotas Colonial”, formado por quinze investidores ligados às diversas áreas do turismo no espaço rural, desde o ecoturismo, turismo rural, enoturismo, etc.

Na categoria do enoturismo destacam-se quatro produtores de expressão na colônia⁸. Estes se utilizam ou já se utilizaram das atividades do turismo como fonte de renda, não obstante, esta prática não representa a principal atividade da propriedade, caracterizando apenas como ingresso complementar de renda

Assim, é possível observar que os quatro produtores que se utilizam do turismo como fonte de renda, hoje, são os maiores produtores de vinho da colônia, trabalhando diretamente com a venda do produto na propriedade a partir do turismo.⁹ Destaca-se ainda nas propriedades, a infraestrutura criada para receber os turistas que visitam o local, principalmente, destinada para a comercialização do vinho.

Os quatro entrevistados que praticam o enoturismo utilizam o parreiral, o processo de fabricação e o vinho como o principal atrativo turístico, como se pode observar na figura 05 e 06 da propriedade do produtor JCM.

⁸ Devido a problemas com órgãos de vigilância sanitária, um desses produtores não recebe mais turistas na sua propriedade rural.

⁹ Em termos de quantidade de produção vinícola.



Figura 05 e 06: Espaço para receber turistas/ maquinário que era utilizado antigamente – Colônia Maciel/Pelotas-RS
Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Outro entrevistado que se sobressai é o produtor JB, como o maior produtor da colônia, produzindo não só vinhos de mesa, mas também vinhos finos. Além do deste produto, outros produtos artesanais são comercializados como, por exemplo, salames, queijos, schmier, entre outros alimentos. Segundo o entrevistado LN :

O turismo na região possui um forte potencial, o qual ainda não foi explorado de maneira satisfatória. (Pesquisa de campo, 2013)

Fica evidente que de todos os produtores envolvidos no processo do enoturismo, o produtor LN é o que apresenta uma melhor organização nesta atividade. Contudo, todos os entrevistados observaram a perspectiva de expansão desta atividade nos últimos anos. A demanda pelo turismo no espaço rural vem aumentando e, por consequência, as propriedades que fazem parte de roteiros turísticos na colônia de Pelotas devem ampliar os serviços, infraestrutura e produtos voltados para essa atividade.

Portanto, é possível avaliar que a partir de uma identidade territorial vinculada principalmente ao processo de fabricação do vinho permitiu uma possível reprodução sócioterritorial dos agricultores bem como a união dos mesmos em prol de um futuro possível para as suas famílias. Assim, o enoturismo, quando bem planejado, tende a desenvolver a economia, aumenta a possibilidade de divulgar a cultura e os costumes locais, tornando-se mais uma fonte de renda, acessória à atividade agrícola, demonstrando, assim, que existem possibilidades para os proprietários familiares garantirem sua reprodução social e permanência no campo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade territorial se configura como uma busca, significativa, “pela unidade na diversidade”, ou seja, os grupos sociais encontram nas práticas culturais e na sociabilidade, formas de construir as identidades com o território e dos indivíduos com o seu grupo. O conceito de identidade pode remeter tanto a um sentido de igualdade (semelhanças) ou de diferenças existentes entre os sujeitos históricos. De qualquer forma, os grupos sociais, emergidos neste processo constante e dialético de identificação, em torno de objetivos comuns ou de um algum atributo específico, procuram delimitar suas ações e, desta forma, se territorializar.

É dentro deste contexto que a identidade territorial se conforma, então, a partir de um produto e de seu processo de fabricação comum dotado de significados, a saber: “o vinho”. A este produto é atribuído não só uma simbologia histórica, de pertencimento a um passado comum, mas também uma valorização nutricional para quem o consome. Nas falas dos produtores são reveladas as múltiplas faces deste processo de identificação, e a importância deste para o processo de formação do turismo, pois, é a partir desta identificação que tanto as propriedades como a própria comunidade se organiza para receber os turistas.

Assim, demonstra-se que um grupo pode se identificar no espaço a partir de aspectos materiais e simbólicos. Pela pesquisa de campo foi possível observar as relações que os entrevistados possuem não somente com o território, no sentido de “*terra-territorium*”, apresentado por Haesbaert (2004, p. 20), mas também, no sentido abstrato da realidade na qual estão inseridos, constituída pela simbologia em torno do vinho, bebida pela qual os produtores se identificam subjetivamente.

Considerando as informações obtidas durante a pesquisa, constata-se que, aliada a formação da identidade territorial pela produção vitivinícola, esta atividade também vem sendo utilizada como atrativo turístico na colônia de Pelotas. Desta forma, observa-se que a noção de multifuncionalidade dos espaços rurais e da agricultura tem uma das suas expressões relacionadas às atividades de turismo no espaço rural e re-criando o conceito de ruralidade a partir do enoturismo, o qual possibilita uma geração de renda complementar para as propriedades rurais.

Ressalta-se que as atividades turísticas não substituem as práticas agrícolas, ao contrário, um dos principais atrativos é o “modo de vida” rural, frequentemente idealizado pela visão romântica da tranquilidade do campo em relação à vida agitada da cidade. Logo, o

turista busca no espaço rural as amenidades deste local, o contato com a natureza, os produtos elaborados nas propriedades (dotados de saber-fazer), entre outros.

Observa-se também que, atualmente, a identidade territorial relaciona-se ao processo da multifuncionalidade presente nas atividades turísticas, as quais representam estratégias de reprodução social e territorial para as famílias rurais.

Para finalizar, denota-se evidente para o autor deste ensaio que o presente estudo não se encerra, afinal, a compreensão das identidades territoriais é um desafio para pesquisa futuras, tendo em vista que no recorte espacial e no objeto de estudo materializado, permanentemente são construídos, (des)construídos e (re)construídos elementos subjetivos, baseados no imaginário e no simbólico, que atribuem significados para as relações da sociedade com a natureza. E, estes elementos possuem o poder de criar não só novas identidades territoriais, tendo em vista as relações singulares dos sujeitos no e com o espaço, mas também implicam em re-valorizações culturais a partir do turismo.

REFERÊNCIAS

Alberti, V. (2004). *Manual de história oral*. (2a ed). Rio de Janeiro: FGV.

Anguera, M.T. (1986). *Metodologia de la Observacion en las Ciencias Humanas*. Madrid: Cátedra.

Bertalanfy, L.V. (1973). *Teoria Geral dos Sistemas*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Carneiro, M. J; Maluf, R. S. (Orgs.) (2003). *Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar*. Rio de Janeiro: MAUAD.

Castells, M. (2006). *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra.

Diniz, J. A. F. (1984). *Geografia da Agricultura*. São Paulo: Difel.

Falcade, I. (2001). O espaço geográfico e o turismo na Região da Uva e do Vinho no nordeste do Rio Grande do Sul. *Anais do Encontro Estadual de Geografia*, 21. Caxias do Sul: EDUCS.

Grando, M. Z. (1987). Evolução e decadência da vitivinicultura em pelotas. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, 8, (pp.121-129).

Haesbaert, R. (1999). Identidades territoriais. In Correa, R. L; Rosendahl, Z. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ.

Haesbaert, R. (2004). Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In Araujo, F. G. B.

da; Haesbaert, R. (Orgs.) *Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Access.

Leite, F. T. (2008). *Metodologia científica: métodos e técnicas de pesquisa: Monografias, dissertações, teses e livros*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.

Machado, C. J. B. (2011). *Comida, Simbolismo e Identidade: um olhar sobre a constituição da italianidade nas colônias Maciel e São Manoel – Pelotas (RS)*. Pelotas/RS. (Monografia em Licenciatura em Geografia) Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Richardson, R. J. (1979). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Ruschmann, D. V. de M. (2000). O turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In Almeida, J. A.; Froehlich, J. M.; Riedl, M. (Orgs.) *Turismo rural e desenvolvimento sustentável*. Campinas, SP: PAPIRUS.

Seyferth, G. (1990). *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Valduga, V. (2007). *O Processo de desenvolvimento do Enoturismo no Vale dos Vinhedos*. (Dissertação de mestrado). Caxias do Sul – UCS. 2007.

Valduga, V. (2011). *Raízes do turismo no território do vinho: Bento Gonçalves e Garibaldi - 1870 a 1960 (RS/Brasil)*. (Tese de doutorado). Porto Alegre - UFRGS.

Victoria, A. P. (2004). O vinho e a italianidade na colônia Maciel. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. *Anais do IV SIMP: Memória, patrimônio e tradição*.